

*OCEANO*  
*INC.*

E é então que  
o oceano mordisca o ventre de costela a costela  
quando já não sabemos em que corpo mergulhamos  
quando no fim não sentimos nada mais do que água  
nada mais do que órgãos de sal  
microplásticos  
à volta da língua  
pegamos na toalha  
numa bisnaga inteira de creme  
num sol de substituição que se possa meter no bolso  
vamos sem esperar pelo amanhecer  
a Marineland.

No comboio da costa o mar em primeira classe  
o mar sem bilhetes o mar  
é clandestino e todos os picas  
podem ir à fava  
porque o mar  
identidade  
morada fixa  
o mar não tem cartão multibanco  
não há problema com as cotizações de seguro  
o mar corre por entre os dedos dos picas  
que não têm fato de banho debaixo da sua vergonha  
o mar burla em todos os portos  
salta os torniquetes  
e não respeita

a validade dos bilhetes de comboio  
o mar desce  
em todas as paragens  
Toulon Les Arcs Valescure  
Cannes, a prostituta  
o mar sobe  
vamos de estação em estação ao sabor  
das marés ferroviárias  
guiados pelo seu reflexo que já mergulha  
longe  
ao largo  
bem perto de Antibes.

Já está  
A Atlântida surgiu  
pedra após pedra  
onda após onda  
construímos Marineland e  
na duna de forma fálica  
Platão vê, estupefacto, os mergulhadores tirarem os  
monumentos, os elétricos e os  
lavagantes das peixarias atlânticas  
as guias a levar da praia de Nice, em grandes contentores,  
todo o seu mito  
o mar é varrido só ficam  
no fundo as finas redes de arrasto  
inchadas com microplásticos de submarinos encalhados  
eles não podem estar em Marineland, será  
uma Atlântida limpa  
uma metáfora limpa do nosso amor pelo mar  
o mar sem nada a sobressair  
o mar desenhado por uma criança demasiado tranquila  
que esconde anos de análise num sol mal feito

Vamos usar cloro para lavar a Fossa das Marianas  
o cloro provoca inundações  
arcos dissolvidos  
fora com as bactérias  
e o permafrost deve ter juízo

Força coral

trazemos-te o amanhecer

como Cousteau, vamos rebentar alegremente com os recifes  
para recolher as belas cores dos peixes

Marineland ou o oceano em formaldeído

um mar engarrafado

o oceano sorri ao estilo Colgate em fotografias e ofertas  
especiais

40% de desconto nos passes VIP

com o código “natureza”

Agora estás em Antibes  
Agora estás em Antibes  
nos cartazes, painéis e semáforos  
uma esfinge olha para ti enquanto espera  
comer-te vivo  
A esfinge tem  
a cauda de uma orca  
a cabeça de uma orca  
os lábios fechados de uma orca que  
transmite aos transeuntes que a ignoram  
o seu enigma:

"BEM-VINDOS A M A R I N E L A N D"

Tu  
ignorando todas as respostas e sem compreender a linguagem  
das baleias  
tu  
tu atravessas as portas  
entras no fiorde  
das orcas  
entras no fiorde, não tens mais história do que as orcas de aqui  
a tua vida é um cartaz rasgado que promete o inesquecível  
a partir de 26 euros\*  
não tens mais história e atravessas portas  
não há fiordes

não há orcas  
todas as lagoas estão vazias  
não há mais florestas, falésias ou enseadas  
o fiorde ou a multidão  
colado ao seu rabo de multidão  
e as bancadas estão cheias de  
férias que fizemos bem em tirar  
para a família que felizmente  
criámos  
do bloco de gelo que acabámos  
de derreter  
as famílias fundiram-se numa multidão durante o fim de semana  
em passeios divertidos de verão  
  
a quinze minutos do aeroporto.

No fiorde, os risos das crianças são excrementos incrustados  
na tua pele, não  
as compreendes  
parecem gaivotas  
empoleiradas num naufrágio de botos  
tens inveja da sua leveza de gaivota  
e talvez no fundo também gostasses de ver  
um dia  
botos encalhados.

No fundo das bancadas, as orcas estão à espreita no seu  
esconderijo de plástico.  
As lagoas são estúpidas  
Entras e avanças no  
fiorde não te armas em bom  
voltas a pensar nos botos que nunca viste  
e espreitas as orcas  
comovido sem querer por detrás das barreiras  
entras no fiorde, tudo está  
derretido  
torcido  
derreteu a terra o céu o gelo dos turistas  
derreteram as velhas retorcidas que esperam  
no seu escasso canto de sombra e os netos recordarão para  
sempre



que foi com a avó que descobriram o mar  
pelo menos até ao próximo ano  
até ao mês que vem  
à semana que vem  
pelo menos até esta noite, talvez  
até que ainda reste alguma luz  
algures sob as manchas dos seus crânios  
por detrás dos seus olhos de velhas  
as velhas têm medo do escuro porque  
as velhas já não têm a luz do sol na boca  
mais do que a noite seca que se espalha sobre a sua língua,  
debaixo da língua, no esófago  
da noite uma toalha com areia que não conseguem tirar  
as velhas têm uma metafísica pastosa então  
as velhas salivam perante o mar de pechisbeque em frente  
às lagoas de Marineland elas sabem  
que não devem bebê-la que a água  
até pode ser azul e transparente  
boa para tomar banho  
que a água não é potável  
que a água das lagoas está cheia de baleias  
como o fundo de uma garrafa de verão, quando toda a família  
já bebeu dela  
estão em último lugar  
as velhas sorriem quando lhes dizemos  
que os clãs de orcas seguem sempre a mais velha.



Felizmente, imaginas o  
Corto Maltese a passear pelos caminhos de Marineland  
como sempre, ele iria sorrir misteriosamente e tu também  
iriam sorrir  
iriam ver os leões marinhos as tartarugas a escoliose do tubarão  
buldogue  
sem dizer uma palavra aos pinguins, poderias vê-los  
bater  
bater  
no vidro com os seus bicos, remando com as asas  
os pinguins não voam  
os pinguins não podem voar  
os pinguins não sabem voar  
os pinguins só sabem  
contemplar o recinto, de asas abertas, de bico colado às paredes  
de placas de cartão  
no horizonte como Corto no final dos álbuns  
a preto e branco  
como Corto no final de uma aventura  
com as barbatanas a atravessar um Pacífico eternamente tépido  
de excrementos  
A Balada do mar selado  
então Corto acenderia um cigarro  
como por vezes faz quando olha para a morte  
de frente ou Rasputine  
e tu dir-lhe-ias Corto Corto  
o que fizeste com o mar

não o deixaste na praia?  
na parte de trás do autocarro quando aqui chegaste  
Corto vai procurar  
e deixa-me aqui a pensar como  
um pinguim nos trópicos  
o que é que vim fazer  
nesta confusão  
Corto Corto, o que fizeste ao mar?  
depois o Corto semicerraria os olhos e baixar-se-ia para  
encostar a ponta do seu boné de comandante contra o vidro  
Ouviríamos a ponta do boné a bater  
bater  
bater no vidro  
e Corto Maltese  
ficaria de pé  
e depois viraria a sua silhueta salgada para ti  
olhando fixamente para ti  
durante muito tempo  
tanto tempo que o teu sorriso desapareceria  
e os corpos inteiros desapareceriam de repente  
deixando apenas o boné de Corto no chão  
o seu cigarro no chão húmido  
e o bico do pinguim a  
bater  
bater  
contra janela ausente que não dá para nada



Entras no fiorde  
das orcas  
vem aí a multidão  
ao pé do pedilúvio  
firme  
a multidão aguarda o espetáculo dos peixes monstruosos  
a multidão espera  
as orcas saltam  
as águas movem-se  
grandes jardins zoológicos  
dilúvio versão wish ou  
salpicos de lavagem de automóveis  
cada espetáculo  
duas vezes por dia e  
três vezes ao fim de semana  
novecentas vezes por ano  
salpicos  
novecentas vezes o caudal novecentas vezes  
a multidão a mesma multidão  
o aplauso  
noventa mil salpicos  
e nem uma vez a terra deu a volta ao sol  
novecentas vezes a banda sonora de *Piratas das Caraíbas*  
para revestir os salpicos  
para espremer a solidão como uma esfregona  
por isso torcemos, torcemos, torcemos,

e cada gota conta  
cada gota vai para os acionistas cada  
salpico também deve ser  
pago em geleia de peixe  
aos acionistas de Marineland deveríamos dar  
todos os dias a mesma  
maldita geleia de peixe  
e sardinhas em dias de festa  
os acionistas privados de petrel lulas tartarugas marinhas  
os acionistas de lagoas de trinta metros  
também chorariam à noite os acionistas  
eles compreenderiam melhor do que tu  
de cabeça encostada ao  
vidro  
um miúdo no meio de outros miúdos  
tentamos acreditar  
para trazer o monstro das profundezas da sua reflexão  
o miúdo no fundo da lagoa do teu crânio a sondar as águas  
turvas

### **o miúdo espera para ver**

Moby Dick num frasco  
Moby Dick ou Bubbles  
nas casas de banho de salpicos  
Adeus Bubbles ou Bye Bye  
Moby vamos pegar nele e espetar  
o arpão da Nikon no flanco  
milhares de Nikons plantadas Moby

Picas Dick  
Kodak com cauda  
poça de flashes  
para cetáceos descartáveis  
patente made in Marineland  
clichés repletos de baleias a borbulhar  
as mais belas baleias-bolha  
baleias explodidas embaladas  
no jornal que refere a sua extinção  
salpicos  
pulverizam os transeuntes  
sorriem nos cartazes  
as orcas só são assustadoras quando atacam  
os veleiros  
os iates  
tememos que possa haver mortes  
no Mediterrâneo  
tu  
com as tuas orelhas cor-de-rosa e estúpidas  
formado sem esforço no colégio privado do evolucionismo  
de cabeça colada ao acrílico espesso  
estás a pensar quando é que fizemos  
do mar um espelho  
como qualquer outro





Entras no fiorde  
Profundidade cor-de-rosa à frente dos teus chinelos  
língua de colonizador a tua língua de esfomeado  
de comedor de lulas  
e de salmão fumado  
a tua língua onde os pássaros mortos rolam  
os peixes de todas as águas  
navio-fábrica a tua língua superpredadora  
enorme orca selvagem a tua língua  
uma passerelle onde desfila a cadeia alimentar  
a tua boca de dentes duros arrasto quilométrico onde caem os  
moluscos sem concha ou  
vertebrados minúsculos cujo tamanho  
permite a mastigação linguística  
e os gordos  
os gordos apesar de tudo  
os gordos sabem melhor

tu

tu chegas com a tua  
a tua língua larga que devora tudo menos homens  
língua de orca livre sem homens  
e, faças o que fizeres, não podes deixar de pensar  
que a tua língua fechada parecida  
a tua língua irmã das orcas  
com o sonar que ressoa nos limites do confinamento solitário

inveja e despreza  
num mesmo gesto  
noutra língua  
a nadar de bruços  
chegas ao fiorde que já sabes  
a que ramo da evolução poderias pendurar  
a tua dignidade humana demasiado  
humana  
com o corpo na verdade sem órgãos  
nadas sem querer e as mãos que chocam  
ressoam no betão que bate e são plantadas uma a uma  
ao longo das bancadas onde a alegria se derrama  
a alegria permanente da agulha  
algures no fundo da tua garganta  
de monstro

Em Marineland, a encarnação termina às 17h30 em ponto  
nas ruelas, podemos passear entre as flores e os frescos falsos  
as tintas de tartaruga nadam entre a informação eco-compatível  
nos frescos, as tartarugas nadam

enquanto no aquário permanecem os peixes  
comuns de cores e gosto duvidoso  
as tartarugas permanecem imóveis  
e não esperam pelo tempo regulamentar para fazer a caça furtiva  
meditam no fundo da areia  
sobre o fim iminente dos paradigmas  
sobre o derrube do capitalismo social  
sobre a possibilidade de inverter o curso da sexta extinção de  
massa e o aquecimento dos oceanos através de incubadoras de  
empresas empenhadas na tecnologia verde  
sobre próximo ciclo galáctico  
pensam em Corto, que lhes disse que noutra lugar  
as tartarugas transportam elefantes às costas  
dos mundos  
e nadam sem parar no imenso espaço  
não há elefantes em Marineland  
assim sonham as tartarugas  
imóveis  
e depois adormecem  
contando um a um os turistas que não se demoram.  
Saem de Marineland, rindo e acenando como as tartarugas  
Que vemos mover-se nos frescos do parque.

À noite, as portas fechadas  
já não recebem visitantes  
as orcas evaporam-se  
o porto está silencioso  
e o sol fez aqui o seu último respingo  
por cima da vedação que divide as lagoas  
as orcas observam as bancadas  
as orcas sobem e descem  
saúdam a solidão  
até ao próximo espetáculo.

*Uma noite  
Um motorista de táxi conta  
Que os animais choram  
Quando a lua nasce*

Agora que o mar, o oceano e os deuses que o habitam  
Estão de boca calada  
agora não há nada  
apenas enormes bancadas  
um sol minúsculo  
que se esconde bem longe da cidade de Antibes  
o sol também tem vergonha  
de brilhar todos os dias em Marineland  
sem dizer nada  
sem nunca se indignar nos vídeos  
sobre o eczema que devora  
a pele das orcas

Marineland é como o mar  
as orcas não têm predadores aqui  
mas têm eczema  
as orcas algo as incomoda  
faz-lhes comichão no fundo do sonar  
até à epiderme  
lembrando-lhes que têm um corpo  
um corpo que não é apenas um fato  
enfiado num palco permanente  
o eczema é uma forma de intermitência  
não se paga e é uma preocupação  
não é assim tão difícil obter, no entanto  
alguns anos numa lagoa estreita  
gelatina em todas as refeições  
uma sardinha ao domingo  
aqui está a intermitência das orcas  
eczema e dorsais a dar de si  
ser orca em Marineland não é um emprego a sério  
em Marineland o código do trabalho não existe  
os residentes não têm conta no CPF para aprender a ler  
ou tirar a carta de marinheiro  
não existe uma secção "remuneração dos artistas" no site oficial  
também não existem contratos de trabalho

então é uma vocação  
talvez possamos oferecer-lhes um estágio profissional  
um período experimental

antes de as tornar efetivas  
poderíamos mostrar-lhe as instalações  
comer na cantina à hora do almoço  
na padaria da estação de autocarros  
para ter a certeza de que gostam  
e depois as orcas vão poder ver o mar  
vai ser uma boa mudança em relação ao escritório  
as janelas têm sempre vista para a multidão  
ou para as bancadas vazias  
talvez as orcas tivessem escolhido uma carreira diferente  
para escolher, teriam gostado de ser pescadoras  
no Mar do Norte  
capitães baleeiras no Japão  
instrutoras de aqua-biking nas piscinas municipais  
ou modelos de observação de baleias  
para os voyeurs éticos de Vancouver  
as multidões, a geleia, os miúdos a chafurdar e os velhos a ver o  
tempo passar a deixar progressivamente de compreender o  
mundo  
e as estações sem migrações  
nem mesmo os golfinhos merecem isto  
nem os pinguins  
as orcas ocupam a banheira do tempo  
estão a apontar para o ralo  
Fazendo oitos no seu fiorde em miniatura  
os oitos de orca parecem mais numerosos do que os oitos de  
foca

no aquário

oito seguidos que deixámos de contar

Oitos que acabam por não valer oito mas sim dez

cem

mil

Milhares que passam muito depressa e se acumulam

e acabam por ficar perto

do infinito

as orcas acabaram por delimitar o céu por cima das suas cabeças

as suas barbatanas dorsais desvanecidas em rochas ausentes

e os seus dentes soltam-se ao esfaquear a vida que lhes  
roubamos

as orcas não têm a paciência tranquila das tartarugas-de-couro

as orcas não conhecem o puppy yoga

e alguns podcasts de desenvolvimento pessoal

poderiam salvá-las do esgotamento

nunca vemos as orcas chorar

à noite é demasiado escura

de dia a água é demasiado turva

mas as orcas choram e continuam à espera

de algo

atravessaram o desespero

é uma lagoa como outra qualquer





É o que acontece quando  
o oceano mordisca o ventre de uma costela para a outra  
quando já não sabemos em que corpo estamos mergulhados  
quando não se sente nada mais do que água  
nada mais do que órgãos de sal  
microplásticos  
à volta da língua  
pegamos na nossa toalha  
numa bisnaga inteira de creme  
num sol de substituição que se possa meter no bolso  
vamos sem esperar pelo amanhecer  
até Marineland.

Em Marineland há sempre  
tartarugas tubarões pinguins  
golfinhos a dar espetáculo a partir das 16h00  
e o tanque sem fundo dos leões-marinhos  
mas em Marineland já não há assim  
tantas orcas.

Alguns meses atrás, Marineland publicou um post  
para anunciar a infeliz morte  
de Moana, de Inouk  
9 e 26 anos

Marineland está de luto  
preto digital

formato quadrado  
sem comentários  
comunicação clorada

Marineland garante que "Tudo será transparente" para que o trágico desaparecimento de duas orcas residentes permanentes no parque temático não suscite nenhuma preocupação sobre o tratamento dos animais a quem a direção só deseja um bem-estar total

Sem mais de momento o nosso precioso parque apresenta os seus cumprimentos aos seus amáveis e generosos visitantes

etc.

### **Um dia diremos**

existe um antes  
um depois

Marineland

de momento o antes

já não conhecemos o depois  
ainda não o conhecemos  
só conhecemos Marineland  
Marineland para todos  
toda a gente presa em Marineland  
um pequeno pedaço de ti num anúncio de Marineland  
trinta segundos de duração e sem profundidade para se esconder  
dos  
sonares  
enquanto Marineland existir, estaremos todos presos na lagoa de  
imagens  
num espetáculo que recomeça  
estamos a esquecer-nos gradualmente das nossas mãos a nossa  
pélvis erétil  
sente que lhe estão a crescer barbatanas  
a nossa laringe falha  
por isso, para exprimir o nosso ódio, a nossa  
angústia  
vamos comer tudo o que estiver à nossa frente  
não mordemos a mão que nos alimenta  
engolimo-la.

*O roaz-corvineiro*

*Os leões-marinhos na Califórnia, Patagónia, África do Sul, Steller*

*O pinguim de Humboldt e o*

*Pinguim-saltador-da-rocha*

*O flamingo cubano*

*O Pavão*

*A tartaruga-comum*

*O velho Sharky*

*Touro, Zebra, tubarão-tapete*

*Tubarão epaulette e tubarão-bambu*

*Ratão-águia, raia-leopardo, raia-pintada*

*Raia-amarela*

*Peixe-palhaço, unicórnio-de-margem-branca, cirurgião-patela*

*Peixe-cirurgião, peixe-diamante*

*Wikie*

*&*

*Keijo*

Tudo será transparente em Marineland  
colocaremos os produtos certos  
vamos tornar os vidros transparentes  
a água  
os corpos  
as contas  
deixaremos de fazer visitas guiadas  
para dizer que a cartilagem da barbatana dorsal  
também colapsa nas orcas ultra- marineland  
deixaremos de afirmar que as orcas selvagens  
não ultrapassam trinta anos de idade  
ou quinze anos  
ou os nove de Moana  
que as orcas aqui  
são como lá fora  
felizes  
no mar adoram saltar  
fazer sorrir as crianças  
posar para fotografias  
e estão atentas ao número de seguidores  
no oceano da Net

Uma orca morta ainda pode saltar  
desde que só esteja morta por dentro  
em Marineland lemos a obra completa de Descartes  
nós filosofamos nós

lubrificamos as engrenagens carnudas dos animais-máquina  
Fazemos fotoshop dos programas  
as baleias não sabem morrer  
as atrações são eternas  
e se calhar afinal as orcas do oceanos  
também roem as margens do oceano  
até perderem os dentes.

Depois de enviarmos as orcas  
numa viagem ao Japão México ou  
ainda até à morgue os treinadores  
farão gestos no vazio  
e as crianças rirão no vazio  
e os velhos aplaudirão no vácuo  
e sem dúvida que um belo dia  
veremos que todas as bacias  
estão aliás vazias há muito tempo  
e que Marineland é um pouco  
o barril das Danaides  
um barril com onze metros de profundidade  
trinta de largura  
cheio de animais em liberdade condicional  
de orcas bolas de sabão que pesam várias toneladas  
e que rebentam  
sem parar

e se olharmos bem no fundo  
tudo o que conseguimos ver é um grande buraco algures  
entre o seu estômago  
e a sua língua  
um grande buraco para contar todas as Marinelands do mundo

Catalunha



Nova Zelândia

Maiorca

Flórida

Texas

Canadá

Antibes

Adelaide

Abu Dhabi

São Paulo

São Ant3nio

Orlando

Um dia vamos perceber que os Sea Worlds estão cheios de vazio  
deixado por Tilikum Inouk Moana cujo nome sem caixão  
regressou ao mar  
perceberemos que afinal  
não salvámos o Willy  
que mesmo até em *Save Willy 2*  
já não há mais orcas mortas de verdade lá dentro  
mas máquinas animadas que parecem mais vivas do que as de  
Marineland  
enquanto houver orcas e Marinelands  
deveremos perguntar o que é que elas podem dizer  
sobre nós  
estabelecer uma linguagem que nos permita habitar o mar em  
conjunto  
falar em conjunto  
e que as nossas palavras não sejam uma rede a lançar às  
correntes  
na esperança de pescarmos alguma coisa  
e que esta nova língua seja uma lagoa aberta  
um golfo entre dois mundos onde só naufraga  
o ciclo das devorações.

Não parar de procurar a língua das baleias até  
não haver mais treinadores  
só haverá orcas  
que perseguem veleiros  
em todos os mares do mundo

para gozar um pouco.

sem parar

lutar pé a pé

palma a palma

caudal a caudal

todos os industriais filantropos que querem transformar o mar num espaço aberto como qualquer outro

que raspam o fundo como um iogurte

não deixando uma única gota

uma única espécie

só há uma saída

sem parar antes

que o oceano seja apenas uma grande massa de água com cloro

para ficar bem nos postais ilustrados

que enviaremos à avó

inofensivos e dispostos

a toda a inovação empresarial.

antes que o oceano seja um pedilúvio onde só as verrugas das plataformas se molham

onde navios de carga transportam o seu lastro sobre os corpos das baleias, arrastadas pelas pás das suas hélices

um revestimento líquido para cabos intercontinentais e cabelos fluviais

onde desovam o peixe-gato e as algas

antes que o oceano se transforme num charco de capital estagnado

um naufrágio salobro  
sem parar  
e não descansaremos enquanto tudo o que esvaziámos na lagoa  
das orcas  
tudo o que suámos em frente aos vidros dos aquários de todo o  
mundo  
não forem presas de caranguejos e fitoplâncton  
algures ao largo  
do recife de coral  
porque no último dia será  
Marineland.

Pronto  
as orcas não são o problema  
nem sequer são um símbolo  
são corpos que afogamos  
quando estes corpos não querem  
ficar muito quietinhos  
e aprender a nadar  
como caminha o mundo.

Tu que passas por aqui, tem  
cuidado

Com a escoliose do tubarão  
buldogue

O zénite de plástico permanece fixo  
no céu azul de Marineland  
correntes fixas  
perspetivas fixas  
oceano fixo  
com pequenos rebordos fixos em todos os lados  
entre os quais nadam as orcas  
de oito em oito  
entre os quais rugem as orcas

devolver o movimento à quietude das coisas  
as orcas nadam para não se afundarem  
demasiado rápido  
na sua lagoa como uma praia onde todo o plástico do mundo deu  
à costa  
um dia toda a areia terá de ser retirada do oceano  
toda a água do mar  
para manter apenas os detritos num sétimo continente  
- como a que está a flutuar no Pacífico Norte  
giro de resíduos, sopa de plástico, vórtice de merda -  
será construído um grande Marineland por cima  
e, finalmente, baleias, tubarões, focas e tartarugas  
terão muito espaço para viver  
e engolir todo o plâncton do mundo  
então já não teremos de nos sentir culpados  
por nos termos esquecido da toalha na praia

por não colocar a embalagem das complicações no caixote do lixo amarelo

só haverá um grande parque com baleias

a saltar as vezes que quiserem em círculos de cartão reciclado

e treinadores de silicone para andar nos seus bicos

falsos treinadores para dar cambalhotas e cair para trás

ao largo da costa, ao longo do verão perpétuo do fim do Gulf Stream

então as orcas aprenderão a tecer

fios de nylon

garrafas de plástico

redes e tampas à deriva

as orcas vão fazer

fatos de marca

### *Marineland*

então, elas vão escorregar para o mar

comando a preto e branco de caçadoras com máscaras

em peluches de tamanho real

até às praias de Antibes

à noite, as orcas passarão pelos portões

de Marineland

pela manhã caçarão os treinadores

em grandes redes de bolhas

revestindo cada um deles com a pele de uma orca selvagem

feita à medida

para os atirar para as bacias do fiorde



depois empanturrar-se-ão com algumas sardinhas enquanto esperam a pela chegada do público

Ora

nesse dia

acaso das formas e das ondas

todos os bilhetes para o Marineland seriam comprados por ativistas pró-orca numa missão secreta

habilmente disfarçados de turistas inocentes

meias sandálias cara com flores e calções vermelhos

rebanho de flashes lambuzados com creme índice 50

e correntes nos óculos para não os perder

na água

fingiriam ficar extasiados perante os animais

fingiriam ser animais

nas bancadas, os ativistas esperariam pacientemente pelo início do espetáculo

estariam mortos por dentro, mas aplaudiriam em voz alta

e sorririam para os seguranças

com a sua lente zoom e a sua câmara discretamente escondida

debaixo da toalha

sem reparar nas barbatanas do leão-marinho

fechadas no walkie-talkies

filmariam, sem o saber, treinadores presos

encurralados nos seus fatos selados

ouviriam grandes "ohh"

ficando encantados quando os treinadores finalmente chegassem

a bater na borda da lagoa  
a morder o plástico para sair  
estariam mortos por dentro, mas aplaudiriam em voz alta  
para fingir que tudo é normal  
as orcas começariam a música  
acenariam com peixes à frente dos narizes de treinadores  
esfomeados  
e os treinadores compreenderiam que não têm escolha  
senão saltar alto e abanar a cauda  
para comer peixe fora de prazo  
é assim que funciona  
Marineland  
ativistas disfarçados de velhinhas, crianças e gaivotas por todo o  
lado  
multidão à volta da lagoa  
para receber água verde  
cloro deitado para dissolver  
merda de treinadores  
e os falsos turistas ficariam muito entusiasmados  
aparentemente  
e ficariam encantados com o documentário que certamente  
fariam à saída  
os treinadores chorariam, mas as suas lágrimas faziam rir as  
crianças  
fictícias  
e as orcas rir-se-iam mas não o demonstrariam  
e continuariam a sua digressão

agitando as barbatanas para que os treinadores saltem para a  
água

e pensando com orgulho

que sem elas os treinadores não poderiam sobreviver

onde pode encontrar um pouco de felicidade

em Marineland

Antes de chegarmos a esse momento feliz  
antes que as orcas se divirtam a devorar o pós-capitalismo  
o sol quer pôr tudo à sombra  
atirar tudo para a noite  
já nem sequer se atreve a olhar-te nos olhos  
tu  
miúdo nas bancadas onde os monstros desaparecem  
tu que apertas os joelhos  
sob o teu queixo trémulo  
o teu queixo faz ondas  
ondas de carne a morrer na praia  
n o mar  
para além dos muros de Marineland  
o mar a poucos metros de distância  
  
onde as orcas no exílio nunca irão sondar.